



Falando Grego¹

Marcionize Elis Bavaresco²

Marília Maróstica³

Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc), São Miguel do Oeste, SC

RESUMO

O documentário Falando Grego constitui-se de um documentário radiofônico dividido em cinco capítulos, com tempo total de cerca de 20 minutos, que foi idealizado para ser veiculado um capítulo por dia durante cinco dias (de segunda a sexta). A idéia do projeto surgiu da percepção cotidiana sobre as dúvidas e angústias geradas na região Extremo-oeste de Santa Catarina devido à discussão dos limites entre sotaque, erro de fala, de grafia e sua relação com o bilingüismo, já que uma parcela significativa da população da região não teve o português como primeira língua. O trabalho se propôs a discutir até que ponto essa característica do falar regional influencia no processo de comunicação, obedecendo às características necessárias a um produto radiofônico.

PALAVRAS-CHAVE: cultura; linguagem; comunicação; bilingüismo; radiodocumentário.

INTRODUÇÃO

A idéia de elaborar o documentário radiofônico Falando Grego surgiu da percepção cotidiana, pelas duas acadêmicas envolvidas na produção, das angústias e discussões acerca do modo de falar da população do Extremo-oeste⁴ catarinense, região que abrange 19 municípios, localizados entre os Estados do Rio Grande do Sul, Paraná, e da divisa com a República Argentina. Inicialmente a questão que buscamos analisar se refere a um tema que já gerou muita polêmica na região, a identificação de que uma parcela significativa da

¹ Trabalho submetido ao Expocom 2.008, na categoria A Audiovisual, modalidade processo.

² Aluno líder do grupo e estudante do 7º período do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc), email: marcionize@hotmail.com

³ Estudante do 7º período do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc), email: marry_mj@yahoo.com.br

⁴ Aqui entendidos como os municípios que compõe a Associação dos Municípios do Extremo-oeste de Santa Catarina (Ameosc), conforme informações disponíveis no endereço eletrônico <<http://www.ameosc.org.br/home/>>, acesso em 20 de março de 2008. Compõem essa região os municípios de Anchieta, Bandeirante, Barra Bonita, Belmonte, Descanso, Dionísio Cerqueira, Guaraciaba, Guarujá do Sul, Iporã do Oeste, Itapiranga, Mondaiá, Palma Sola, Paraíso, Princesa, Santa Helena, São João do Oeste, São José do Cedro, São Miguel do Oeste e Tunápolis.



população não pronuncia da maneira considerada correta pela norma culta, palavras que iniciam com ‘r’ ou que são escritas com dois “rr”. A partir desse ponto inicial, e como parte dessa comunidade, além de estudantes de Comunicação Social, passamos a questionar os limites e parâmetros para a definição de “erros de português”, sotaque e traços culturais da língua.

A questão da pronúncia do “r” já foi tema, inclusive, de uma pesquisa científica orientada pela doutora em Letras, Maria Bernadete Mustifaga, que constatou que essa é uma peculiaridade da região. Contudo, a partir dessa análise inicial, acabamos entrelaçando o tema com outras características do falar regional, como a significativa redução do bilingüismo, a convergência de várias línguas num espaço geográfico limitado e a implicância disso na comunicação. A esses fatores se somou ainda, já que a linguagem não se dissocia da cultura, a formação étnica da população que habita a região e a forma como a sociedade, a escola e os meios de comunicação tratam essas diferentes formas de expressão verbal.

Porém, o tema foi apenas o primeiro desafio, já que o maior era conseguir tratar desse assunto de maneira dinâmica, traduzir a linguagem científica em linguagem coloquial, típica do rádio, conseguir dissociar o assunto em capítulos sem perder o foco e de maneira que o produto final tivesse unidade, enfim, utilizar de maneira adequada as potencialidades desse veículo de comunicação democrático por natureza e tipicamente regional.

OBJETIVO

O objetivo do documentário foi analisar as características do falar regional sob pontos de vista bastante diversificados, partindo do pressuposto de que não se pode analisar características da linguagem sem levar em consideração a identidade cultural do grupo que se pretende estudar. A intenção também foi desmistificar a questão do “erro de fala”, pois essa definição depende dos padrões de análise utilizados e não é imutável. Dessa forma, buscamos valorizar a identidade regional sem entrar no mérito de qual é a maneira correta de falar, mas sim, qual variação da linguagem é o mais adequado para determinado objetivo comunicacional. Tudo isso, adequando o documentário às características do veículo no qual pretendíamos veiculá-lo, ou seja, obedecendo as características do rádio e buscando aproveitar ao máximo suas potencialidades.



JUSTIFICATIVA

A colonização da região Extremo-oeste de Santa Catarina, segundo Avelino de Bona, em seu livro *Evolução Histórica de São Miguel do Oeste*, teve início na década de 40, especialmente por descendentes de italianos, alemães e poloneses. Essas pessoas trouxeram consigo uma identidade cultural expressa, principalmente, na língua que utilizavam em suas conversações cotidianas. Além da língua dessas etnias, a região sofreu a influência do modo de falar gaúcho, já que a grande maioria dos colonizadores migrou do Rio Grande do Sul e mantém, até hoje, uma forte ligação cultural com o Estado vizinho. Recentemente, com a integração provocada pelo Mercosul, e devido à proximidade com a Argentina, o Espanhol também passou a fazer parte do dia-a-dia da população dessa área geográfica, o que resultou na inclusão da língua espanhola na grade curricular das escolas públicas estaduais.

Essa mistura teve como consequência um modo de falar característico da região, o qual já gerou muita polêmica. O assunto foi objeto, inclusive, de um estudo científico realizado por Elizandra Schutz, sob orientação da doutora em Letras Maria Bernadete Mustifaga, que analisou, durante dois anos, o modo de falar de estudantes e professores da região, com relação a peculiar pronúncia do ‘r’, considerada por alguns como um erro de fala, por outros como uma marca cultural e irrelevante para terceiros, já que, no geral, não prejudica a comunicação interpessoal. No entanto, essa diversidade cultural, e consequentemente de línguas, nesse pequeno espaço territorial, também tem outras consequências, como a presença significativa de pessoas bilíngües, embora essa característica esteja se tornando cada vez mais rara nas novas gerações.

É compreensível que para acadêmicas de Comunicação Social, questões ligadas à linguagem, que se constitui em nossa ferramenta de trabalho, nos chame a atenção. Porém, observamos outras características em relação a isso, relatadas pela professora Dulce Maria de Aguiar e Souza:

Uma questão instigante, inerente a essa temática, refere-se à linguagem, devido ao seu caráter peculiar de produto e veículo da cultura. É como produto que ela se torna objeto de discriminação entre os homens, quando esses se esquecem de vê-la em sua dimensão mais ampla, possibilitadora da interlocução do homem consigo mesmo, com seus semelhantes e com o mundo, numa interação que não se esgota, nem se restringe ao aqui e ao agora, uma vez que, pela linguagem, se estabelece o diálogo entre diferentes gerações, em tempos históricos diferentes, perpetuado através do acervo cultural.

Uma evidência dessa discriminação é que com o passar dos anos, o bilingüismo foi diminuindo, de maneira notável, de geração para geração, no Extremo-oeste de Santa

Catarina. O antropólogo, Paulino Eidt, considera como alguns dos fatores que levaram a essa redução a nacionalização da cultura e do ensino. “No meu entender foi uma perda histórica para toda a região (...), a escola pecou muito no momento em que ela proibiu o uso desses idiomas e pecou o poder público que não valorizou em tempo e hoje é muito difícil recuperar”⁵.

Dessa forma, a escolha desse tema, tem relevância no sentido de resgatar o processo histórico que culminou na formação dessas características do falar regional, ao mesmo tempo que valoriza a identidade local, muitas vezes degradada pelo estigma de que aqui as pessoas falam “errado”, mesmo porque essa avaliação depende dos parâmetros utilizados para definir o que se constitui em “erro”, como lembra Dulce Maria de Aguiar e Souza:

Surpreende, porém, o fato de que, mesmo com os avanços das pesquisas lingüísticas contemporâneas, prevaleça, em nossa sociedade, um discurso autoritário definindo o que seria o “certo” e o “bom” em relação à língua, sendo estigmatizadas as variações que se distanciam daquela considerada como padrão.

Naturalmente, que uma questão tão relevante para a comunidade local, no nosso entender, deveria ser tratada pelo veículo com maior influência e abrangência regional. No caso o rádio, pois não há emissoras de TVs locais e as sucursais mais próximas têm uma cobertura deficiente da região. Por outro lado, os jornais têm limitações geográficas e de acesso, ligadas a questões econômicas (paga-se pela assinatura) e culturais (falta do hábito de leitura). Características enfatizadas pelo autor Cyro César:

Entre os meios de comunicação de massa, o rádio é, sem dúvida, o mais popular e o de maior alcance público, não só no Brasil como em todo o mundo, constituindo-se muitas vezes no único a levar a informação e o entretenimento, para populações de vastas regiões, que não têm acesso a outros meios, seja por motivos geográficos, econômicos ou culturais (1990, p. 63).

O rádio tem a capacidade de se integrar, se aproximar dos receptores, de uma maneira que nenhum outro veículo de comunicação tem. Com isso, como explica Mozahir Salomão, o rádio acaba tendo uma importante relevância social.

Ele é prestação de serviço, é informação, é entretenimento, é companhia para os solitários e é música. Contudo ao buscar se aproximar do ouvinte, do seu cotidiano e estabelecer uma comunicação direta, o rádio foi levado a incorporar em suas ações um forte sentido social (2003, p. 35)

Por isso achamos que discutir o tema da linguagem regional pelo rádio seria a maneira mais coerente de colocar na pauta de discussão da comunidade esse tema, tão importante para a construção da identidade cultural da população dessa área territorial.

⁵ Afirmações feitas em entrevista concedida para a produção do documentário.



MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Por se tratar de um assunto local percebemos que poderia ser bem explorado no formato de rádio, tipicamente regional, democrático e com alcance em praticamente todos os lares do Extremo-oeste. Além disso, como o rádio é fala, poderíamos ilustrar de maneira clara a problemática analisada, de forma a criar uma identificação com nosso público alvo, afinal, a maioria dos ouvintes fala da forma analisada, possui parentes bilíngües e convive com a pluralidade lingüística da região. Outro critério levado em consideração, é que o rádio, no extremo-oeste catarinense, é o veículo de comunicação mais influente, já que não há emissoras de TVs locais e as sucursais mais próximas têm uma cobertura deficiente.

O formato adotado levou em consideração a complexidade do tema, que exigia o uso de conhecimentos científicos, os quais deveriam ser traduzidos numa linguagem simples, coloquial e atraente. Por isso dividimos o documentário em capítulos, com duração curta, cerca de quatro minutos por edição, e uma linguagem coloquial. O objetivo da adoção desse formato foi possibilitar que o público assimilasse o conhecimento sem que o conteúdo se tornasse monótono, afinal, conhecimento científico discutido no rádio não é uma característica das emissoras da região, por isso presume-se que a audiência não esteja acostumada a esse tipo de programação.

O levantamento das fontes foi uma das etapas mais simples do processo de produção, pois na comunidade tínhamos a disposição uma infinidade de exemplos (*cases*) e na universidade dispúnhamos dos especialistas necessários para o embasamento científico. Também mantemos relação com os diversos veículos de comunicação da região, o que facilitou a captação de material sonoro, utilizado no documentário, para ilustrar as expressões lingüísticas veiculadas pelas rádios locais.

Por outro lado, organizar todo o conteúdo pesquisado num roteiro lógico, dividido em capítulos com subtemas diferenciados e que ao mesmo tempo mantivessem a coesão do documentário foi um grande desafio, já que tínhamos a disposição uma grande variedade e quantidade de conteúdos. A idéia do nome do programa surgiu da expressão “falando grego”, popularmente utilizada para designar expressões que não são entendidas pelos interlocutores. Dessa forma fizemos uma analogia à complexidade do tema e também a influência das características da linguagem regional no processo de comunicação.

Além disso, enfrentamos dificuldades técnicas e de disponibilidade de tempo para a produção. Já que, assim como a maioria dos acadêmicos da Unoesc, campus de São



Miguel do Oeste, além de frequentar a graduação, no período noturno, trabalhamos durante o dia. Isso fez com que fôssemos obrigadas a editar todo o material em casa, sem a estrutura dos estúdios da universidade, usados somente para a gravação da fala dos locutores. Também fomos nós que produzimos todas as vinhetas, cortinas e efeitos especiais utilizados para dar ritmo ao documentário, valorizando a criatividade e o bom humor. Esse trabalho foi todo realizado depois do horário de aula, durante a madrugada.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O documentário *Falando Grego* constitui-se de um radiodocumentário dividido em cinco capítulos, que se pretendia veicular durante cinco dias de uma semana, de segunda a sexta, durante a noite. Cada capítulo tem um assunto central, que se liga com o capítulo subsequente, e no todo apresenta uma idéia central, que trata da linguagem regional.

O primeiro capítulo apresenta uma introdução ao tema, além de abordar aspectos históricos da constituição étnica regional e sua relação com a linguagem. Já o segundo capítulo trata da diversidade de expressões lingüísticas nos meios de comunicação regional. O terceiro aborda a diminuição do bilingüismo de uma geração para a outra. No quarto capítulo tratamos da peculiaridade da pronúncia do ‘r’ e da diferença entre sotaque e erro de fala, e no último fizemos uma abordagem geral da questão da linguagem na região, relembrando aspectos dos programas anteriores.

CONSIDERAÇÕES

O resultado final de todo esse processo de produção do documentário *Falando Grego*, foi uma análise muito interessante acerca de questões ligadas a linguagem da população do Extremo-oeste de Santa Catarina. Na nossa concepção, a comunidade discutindo características dela própria é um exercício interessante de cidadania e de valorização da cultura local, muito importante para a região, e é função dos meios de comunicação abrir espaço para esse tipo de debate. Aqui, a pluralidade de etnias, de influências culturais, e até mesmo a proximidade com outros Estados e países (a região faz divisa com o Paraná, o Rio Grande do Sul e a Argentina) inculca nos habitantes a idéia de que não há uma identidade própria. Porém, para nós, é justamente a pluralidade que caracteriza o Extremo-oeste catarinense e que compõem a nossa identidade.

Por meio de uma diversidade de fontes, que inclui estudos científicos, especialistas e populares, conseguimos desmistificar a questão do “erro de fala”, demonstrando que essa



definição depende dos padrões de análise utilizados e não é imutável. Além disso, a variação da linguagem depende do objetivo comunicacional que se pretende atingir. Tudo isso, com um documentário dinâmico, leve, bem humorado e com conteúdo relevante. Aproveitando ao máximo as potencialidades do veículo rádio para transmitir um tipo de informação pouco explorado pelos veículos da região.

REFERÊNCIAS

DE AGUIAR E SOUZA, Dulce Maria. **Linguagem e Preconceito**. Disponível em: <<http://www.divinopolis.uemg.br/revista/revista-eletronica3/artigo2-3.htm>>. Acesso em: 15 mar. 2008.

DE BONA, Avelino. **Evolução histórica de São Miguel do Oeste-SC**. São Miguel do Oeste: McLee, 2004. 96 p.

CÉSAR, Cyro. **Como falar no rádio: práticas de locução AM e FM**. São Paulo: IBRASA, 1990. 144 p.

SCHÜTZ, Elizandra; MUSTIFAGA, Maria Bernadete. **O (não) emprego da vibrante múltipla por falantes (estudantes e professores) de escolas públicas e particulares do município de São Miguel do Oeste**. São Miguel do Oeste, 2003. 98fl.

SALOMÃO, Mozahir. **Jornalismo radiofônico e vinculação social**. São Paulo: Annablume, 2003. 134 p.